

IN MEMORIAM

Vasco Graça Moura (1942-2014)

A Primavera de 2014 viu partir um dos intelectuais do nosso tempo que melhor entendeu e mais eficazmente dinamizou as relações entre Portugal e Itália. Faleceu na mesma Primavera que celebrou os 40 anos passados sobre a revolta de 25 de Abril de 1974, dois dias depois dessa data histórica. Membro do Conselho Científico da revista *Estudos Italianos em Portugal*, Vasco Graça Moura recebeu do Presidente da República Italiana a “Ordine della Stella della Solidarietà Italiana” pelo seu alto contributo para o estreitamento das relações entre os dois países.

A sua intervenção cultural foi poliédrica e estendeu-se pelos mais variados campos, mas era essencialmente um homem da palavra, nas suas alianças com a música, a pintura, o debate de ideias, a edição e todo o tipo de acção cívica. Lídimo modelo de intelectual europeu, conhecia em toda a dimensão os vastos territórios que construíram a Europa, da história à literatura e às artes, acreditando e apostando neles como grande plataforma de união e desenvolvimento. De Portugal, o seu olhar estendia-se constante e inevitavelmente às origens comuns, vindas de tempos remotos, dessa grande unidade civilizacional e de pensamento que com as rotas portuguesas ultrapassou o oceano.

Estar no mundo significava dizê-lo e, da mesma feita, questioná-lo, aplaudi-lo ou combatê-lo, mas sem lhe poder ficar indiferente. Envolveu-se em várias polémicas que trouxeram para a ordem do dia assuntos tão prementes como o colonialismo português, o romance de José Saramago *O evangelho segundo Jesus Cristo* ou o acordo ortográfico. Participava nelas com o fervor do homem sereno para quem o livre pensa-

mento e a expressão pública da opinião eram um direito e um dever de cidadania.

Licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa em 1966, exerceu advocacia durante algum tempo. Mas a paixão pela leitura, a propensão poliglota e o talento para os jogos métricos vinham-lhe de criança, tutelados pelo olhar vigilante do pai. Ainda no liceu, já lia Petrarca em italiano, tendo obtido um prémio nacional destinado a alunos de distinção, ao qual se viriam a acrescentar, ao longo da sua vida, tantos e tantos outros.

Um dos seus últimos livros, editado em 2013, *A identidade cultural europeia*, condensa uma reflexão acerca da história da Europa que elege a literatura e as artes como grande suporte dos seus valores. Não hesita em identificar naquele “classicismo que alimentou criadores como Dante e Petrarca, Ronsard e Camões, Shakespeare e Racine” o seu fundamental sustentáculo. No seio de uma actividade vasta, cabe aqui destacar a sua dedicação às relações culturais luso-italianas.

As suas intervenções na Comissão da Cultura e da Educação, como deputado no Parlamento Europeu, cargo que exerceu entre 1999 e 2009, foram decisivas para o desenvolvimento de projectos na área do ensino e da tradução. Devem-se-lhe relatórios fundamentais para os programas-quadro da política cultural europeia (Cultura 2000 e Cultura 2007-2013), para o Ano Europeu das Línguas (2000) e para a inclusão da Cultura na Estratégia de Lisboa (2008). Além disso, foi Comissário de Portugal para a Exposição Universal de Sevilha de 1992 (1988-1992), Comissário-geral para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses (1989-1995) e Comissário para a Exposição Internacional de Génova, “Cristoforo Colombo, il Naviglio e il Mare” (1992), tendo dirigido a revista *Oceanos* durante 7 anos (1988-1995).

Aliás, o programa editorial dos seus comissariados e a forma como dirigiu a Imprensa Nacional - Casa da Moeda ao longo de 10 anos (1979-1989) são marcos históricos. Na sua programação, reservava obrigatoriamente um espaço de destaque para a publicação de obras de autores clássicos ou de ensaios críticos de relevo que inseriam Portugal nos roteiros internacionais. As relações luso-italianas, no que respeita ao coturno de autores literários e críticos, não poderiam deixar de estar na sua mira.

É este vasto quadro, ao qual tanta outra informação se poderia acrescentar, que sustém o grande alcance da sua visão acerca das relações entre Portugal e Itália. Traduziu do italiano quatro obras-charneira da literatura europeia e universal, a *Vita nuova* e a *Commedia* de Dante; e as *Rime* e os *Triumph* de Petrarca. Atraíam-no, as dificuldades suscitadas por formas métricas rigorosas, que com uma extraordinária habilidade vertia para português conservando ritmos, acentos e rimas. Como poeta, não denegava práticas de vanguarda, mas sem que essa escolha o impedisse de cultivar as grandes formas métricas do lirismo europeu, que são afinal italianas: o soneto, a sextina, a canção petrarquista. O seu virtuosismo compositivo era transversal a línguas, autores e tempos, e a intimidade do diálogo que estabelecia com os poetas traduzidos levou-o a considerar-se, também ele, autor, a par de Dante ou Petrarca.

A Itália reconheceu reiteradamente os seus méritos literários e de tradutor. O portentoso trabalho da *Commedia* valeu-lhe a Medaglia d'Oro della Città di Firenze (1998), por proposta da Società Dantesca Italiana, para além do Prémio Pessoa (1995), ao que se acrescenta o Grande Prémio de Tradução do PEN Club (1996), neste caso pela versão da *Vita nuova*. Por sua vez, a tradução de Petrarca foi distinguida com o Premio Internazionale Diego Valeri (Monselice, 2004) e o Prémio de Tradução Paulo Quintela (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2006). Recebeu também o Premio Nazionale per la Traduzione, do Ministero per i Beni e le Attività Culturali (2007).

A sua obra em verso e em prosa foi traduzida em italiano por diversas vezes. *Nodo cieco, il ritorno* remonta a 1984, em versão de Carlo Vittorio Cattaneo. Segue-se *L'ombra delle figure. Poesie 1976-1992*, em 1992 com tradução de Maria José de Lancastre. Em 1999, Daniela Stegagno traduz *Partenza di Sofonisba alle sei e dodici della mattina* e em 2000 *La morte di nessuno*. A Giulia Lanciani, deve-se *Tra conoscenza e complice armonia* de 2002, bem como a sua presença no florilégio *Inchiostro nero che danza sulla carta. Antologia di poesia portoghese contemporanea*, do ano seguinte.

As referências aos grandes autores da literatura italiana eram uma constante na sua obra de poeta e ensaísta. Adepto convicto do ensino bilateral, nas escolas dos dois países, do português e do italiano, faleceu sem ver esse projecto cultural concretizado, tendo-o iluminado com os funda-

mentais ensaios que dedicou a Luís de Camões, ao estudo da literatura e da pintura portuguesas do Classicismo e às suas referências italianas.

Um dos seus mais densos livros de poemas tem por título, *Laocoonte, rimas várias, andamentos graves* (2005). Com ele, lega-nos uma memória simbólica: a do conjunto escultórico achado no Esquilino, e logo reconhecido por Michelangelo Buonarroti. Ao redescobri-lo como poeta, Vasco Graça Moura ensina-nos que a arte e a cultura transbordam do tempo. RITA MARNOTO